



DE VOLTA AO FOGÃO: A (RE)VALORIZAÇÃO DA MATERNIDADE INTENSIVA E DO TRABALHO DOMÉSTICO FEMININO

Érica Cristina de Sá¹

Atualmente, podemos vislumbrar uma gama de transformações pelas quais a sociedade ocidental vem passando. Se olharmos para um passado não muito distante, perceberemos que muito se modificou entre vários grupos sociais. Um olhar mais igualitário, liberal e humanitário foi lançado para as problemáticas que envolvem classe social, raça, sexualidade, questões da criança e da juventude, preocupações com a terceira idade e uma das questões que mais se destacou foi a luta pelos direitos da mulher (STOLKE, 2004).

Durante muito tempo foi comum em nossa sociedade a reprodução de determinadas ideologias sobre a personalidade feminina e do lugar pertencente à mulher, fato que tornou possível a percepção de determinadas práticas, costumes e valores como “naturais” do universo feminino.

A dualidade existente entre natureza e cultura – um dos grandes debates que circundam a Antropologia – pode ser percebida de forma clara dentro de um aspecto específico que faz parte da realidade da mulher: a maternidade.

A maternidade/ maternagem é percebida como uma característica universal feminina, o que lhe acarreta um significado de naturalidade, composto por sentimentos inatos e instintivos que toda mãe possui, independente da cultura e situação sócio-econômica. Foi por meio de discursos normalizadores forjou-se um ideal de maternidade que remeteu à mulher um papel essencialmente doméstico e materno, construindo uma imagem de mãe que gira em torno do próprio *self* feminino, onde o desejo de maternar (cuidar do filho) tornou-se ideologicamente intrínseco à condição da mulher (BADINTER, 1985. CHODOROW, 2002).

No entanto, podemos afirmar que toda realidade é socialmente definida por meio das ações de indivíduos e grupos de indivíduos que constroem, determinam e reproduzem certas definições, formando (ou reorganizando) determinadas realidades (BERGER e LUCKMANN, 1974).

Elisabeth Badinter (1985) e Nancy Chodorow (2002) expõem as muitas faces da maternidade durante os séculos objetivando defender a idéia de que o amor materno e o ato de maternar é uma criação social com visíveis objetivos de subjugar a mulher ao âmbito doméstico. Mary Del Priore (1995) traz uma contribuição igualmente importante ao frisar que o discurso

¹ Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: ericasa@oi.com.br.



médico-científico, representado principalmente por pediatras, psicólogos e psicanalistas, contribuiu para o surgimento de uma forte idealização a respeito da maternidade/ maternagem. Por causa da sua capacidade de gerar, as mulheres assumiram um compromisso exclusivo com a maternidade.

Entretanto, vários estudos, principalmente sociológicos e antropológicos, vão pôr em xeque as universalidades que giram em torno das desigualdades de gênero, tornando evidente que a categoria gênero não está ligada a sexo, mostrando com isso que a criação que se faz da mulher como estando mais próxima da natureza enquanto o homem está mais próximo da cultura é simplesmente uma criação social.

Esse discurso foi importante na medida em que trouxe para o espaço privado muitas discussões que permeavam apenas o ambiente público, “pertencente” ao homem, permitindo que debates e lutas políticas viessem à tona, trazendo muitos questionamentos e o esclarecimento das posições sociais de homens e mulheres e sua forma de organização social nas mais diversas sociedades.

A desmistificação de papéis e temperamentos vistos como sendo próprios do sexo feminino e masculino foi se tornando uma realidade a partir dos mais variados estudos que buscaram mostrar não apenas a diversidade de padrões que podem ser encontrados nos mais variados grupos sociais como também uma formação histórico-social dos papéis sexuais (MEAD, 2003. BADINTER, 1985).

Após muitas lutas e conquistas feministas pela equidade de oportunidades, não se busca mais definir posições sociais de gênero, agora homens e mulheres procuram desempenhar tarefas e papéis que lhes tragam maiores satisfações pessoais.

A personalidade feminina vem sendo forjada por novas formas de pensar e, por consequência, de agir. As mulheres conquistaram, reconhecidamente, o espaço público, são maioria nas Universidades e encontram-se inseridas nas mais variadas atividades profissionais. Se antes o que caracterizava sua subjetividade feminina era ser mãe e esposa, hoje elas buscam antes de tudo sua independência, autonomia e liberdade, formando sua identidade diante daquilo que possam produzir e não apenas reproduzir na sociedade.

Vivendo mutuamente imersa em valores modernos e tradicionais, a mulher deve mostrar que é competente não apenas naquilo que faz profissionalmente, mas que também desempenha um bom papel de mãe, mulher e esposa. Isto se torna muitas vezes até uma condição para a sua saída da esfera privada. Ela deve procurar de qualquer forma ser aquilo que se chama de super-mulher, caso isso não ocorra, é vista como incapaz de se moldar às novas exigências (SILVA BAPTISTA, 1995: 24).



No entanto, alguns tabus, valores e ideologias voltados para a prática materna ainda impedem aquilo que o discurso feminista chama de posição social igualitária de gênero. Radicalmente, algumas teorias feministas afirmam que para a mulher moderna ser independente e conquistar tudo aquilo que deseja, ou seja, trabalho e autonomia, deve-se abrir mão do exercício materno ou até mesmo do casamento, pois são as duas principais condições que durante anos colocaram a mulher em uma posição de inferioridade frente ao homem, definindo uma relação de subjugação, dependência e opressão (STOLKE, 2004. STEVENS, 2007).

Entretanto, a mulher continua desejando ser mãe e assim como busca ser melhor naquilo que faz fora de casa, também quer ser uma boa mãe para seus filhos. Isto torna o exercício da maternidade/ maternagem um problema, onde dúvidas, dificuldades e dilemas parecem estar presentes neste caminho “natural” da mulher.

Silvia Mello Silva Baptista (1995) afirma que essas mulheres se perceberam vivendo um dilema. Se elas estão subindo de forma expressiva nas estatísticas de trabalho, instrução, política, ciência, sendo independentes e autônomas, por outro lado elas sentem-se perdendo algo: a experiência de construir e preservar com qualidade uma família, ou seja, elas experimentam uma tensão ocasionada pela vivência mútua entre valores tradicionais e modernos. É o que Mary Douglas (1976) irá chamar de sistema em guerra consigo mesmo.

O exercício materno passou a constituir uma espécie de problema para as mulheres pelo fato de que as transformações que ocorreram em relação ao “feminino” foram expressivamente no universo público, no mundo privado as mudanças ainda estão ocorrendo de maneira muito tímida.

Ainda é esperado da mulher, além de dedicação e sucesso profissional, também que seus filhos sejam bem cuidados e educados. Essas representações mais tradicionais da maternidade ainda são percebidas entre as mulheres de hoje. A crença dessas mulheres em representações tradicionais da maternidade surge como o fator gerador de muitas angústias.

É importante frisar aqui as representações maternas que a mídia nos bombardeia a todo tempo. São figuras maternas dedicadas e empenhadas em proteger a sua família, a sua casa e seus filhos. Mostram-nas como responsáveis pela higiene, pelo cuidado com o desenvolvimento psicológico, pela saúde e pela alimentação, onde o pai muitas vezes chega do trabalho e encontra tudo em perfeita harmonia, com seus filhos bem cuidados e sua esposa atenciosa, com um largo sorriso no rosto. Essa é a família que a maioria dos comerciais de TV, novelas e *outdoors* nos querem mostrar como sendo a ideal.

Vem corroborar com isso muitos estudos e discursos da pedagogia, da psicologia e também por parte da igreja que defendem uma maior participação materna na criação dos filhos. Muitos



deles chegam a afirmar que os grandes índices de violência e de incidências do uso de drogas são causados por problemas emocionais de jovens e adolescentes que não tiveram a atenção, o carinho e os cuidados necessários de suas mães para se tornarem bons adultos.

Discursos ainda mais tradicionais afirmam também que a saída da mulher para o mercado de trabalho ocasionou um *déficit* na qualidade da família, pois a liberalização feminina ocasiona o crescente número de divórcios, fato este que tende a gerar ou agravar, segundo alguns estudos, problemas emocionais nos filhos.

Como pude constatar na pesquisa *Sobre as representações da maternidade, seus significados e práticas entre mulheres de camadas médias, em Recife*, o ideal da maternidade intensiva ainda é visto e sentido como algo esperado da mulher, no entanto este problema vai mais além: pude perceber ainda que as mulheres estão cansadas, estão sentindo a coexistência de seus diversos papéis como um fardo.

Presencia-se o discurso em torno da dupla jornada de trabalho, onde a mulher, ao executar seus diversos papéis, dentro e fora de casa, sentem-se cansadas, exaustas e muitas vezes até frustradas por não conseguirem “dar conta do recado”. Deste modo, cobranças e sentimentos se confundem entre práticas, obrigações morais e responsabilidades, principalmente no que se refere ao que ainda se percebe como sendo o ideal de um papel de *mãe*.

A definição de um ideal de boa mãe como uma imagem de mãe carinhosa, amorosa, vigilante, dedicada, que cuida e educa e a necessidade de participar da vida do filho, garantir que ele tenha a melhor educação possível é muito presente em seus discursos, assim como a preocupação em relação à saúde física e psicológica da criança.

No que se refere à divisão de tarefas domésticas, pude constatar que os homens estão envolvidos cada vez mais nessas atividades, mas esse envolvimento não se configura como uma divisão de tarefas, mas de participação.

Elas sentem-se como as *principais* responsáveis pelos cuidados com seus filhos, onde cobranças vindas delas próprias (e dos outros, tais como familiares, amigos e o próprio companheiro) fazem parte de suas vivências maternas, parecendo ser inevitável que a culpa por não conseguir conciliar perfeitamente suas atividades se torne uma realidade entre essas mães.

A coexistência dessa miscelânea de valores, práticas, sentimentos e comportamentos nos faz pensar que as mulheres estão enfrentando um grande dilema em suas vidas. Hoje percebemos que não há uma unicidade no comportamento da mulher moderna (apesar de imaginar que isso nunca tenha acontecido na prática), mas há a mulher que volta ao trabalho no seu período de licença maternidade e há também aquelas que gostariam de “voltar ao fogão”.



Um artigo publicado no Clarín em março de 2007 mostra os resultados de uma pesquisa feita na Argentina pela agência Leo Burnett² em que embora as mulheres tenham assumido muitos papéis dentro da família, muitas delas gostariam de ser uma dona-de-casa no modelo dos anos 1950.

A pesquisa mostra que as mães sofrem ao deixarem seus filhos com pessoas que mal conhecessem (babás, empregadas). Ao deixarem seus filhos com uma “estranha”, as mães sentem-se vivendo um problema pessoal (e porque não dizer emocional?): escravizadas em um lugar que se faz necessário negociar, confiar e até mesmo depender de terceiros, já que a divisão das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos ainda não é uma realidade entre os casais, em sua considerável maioria.

Pode-se afirmar que ao mesmo tempo em que essa sociedade moderna liberta, ela subjuga o universo feminino a uma lógica masculina, fazendo com que as mulheres experimentem um conflito, pois ao mesmo tempo em que precisam se enquadrar em sistemas dinâmicos, que cobram flexibilidade e mutações, elas se percebem seguindo padrões de comportamento criados em tempos tradicionais.

A pesquisa do clarín traz muita inquietação ao mostrar o desejo das mulheres em “voltarem ao fogão”, uma busca por uma felicidade perdida, de uma melhor qualidade de vida, que elas percebem como sendo um privilégio de suas mães e avós.

Diante de todo esse impasse, algumas mulheres optam em solidificar suas carreiras profissionais adiando o casamento e a maternidade o máximo possível, outras querem, muitas vezes a custo de sua saúde física e emocional, experimentar o melhor dos dois mundos e há outras que mesmo tendo uma formação ou mesmo sendo profissionais atuantes decidem trocar o trabalho para se dedicarem à casa e à família, reproduzindo algumas normalizações e exercendo papéis mais tradicionais.

Podemos perceber que esse “movimento” de “retorno” das mães para dentro de casa vem ganhando cada vez mais adeptos. As mulheres estão valorizando o papel de dona-de-casa e estão cada vez mais exercendo uma maternidade intensiva, cuidando do lar e também de seus maridos. E o que talvez chame mais ainda a atenção é que de fato muitas estão trocando suas carreiras profissionais para cuidarem elas mesmas de seus filhos.

Esta pesquisa tem como principal objetivo investigar as razões de mulheres, que são casadas ou que vivem com companheiros e que possuem filhos com no máximo três anos de idade, entre 25 e 40 anos - por ser um intervalo de idade em que as mulheres estão estabelecendo uma família e estão iniciando ou solidificando uma carreira profissional - e possuam alguma formação acadêmica

² Foram ouvidas 600 mulheres com idade entre 25 e 45 anos residentes em Buenos Aires.



ou uma carreira, mas que não exerçam suas atividades profissionais por uma questão de escolha pessoal em exercerem uma maternidade intensiva.

Muitas revistas e jornais de circulação nacional publicam matérias abordando o assunto, trazendo falas das mulheres e expondo a sua realidade diante de suas decisões, ou seja, o lado bom de estarem em casa cuidando de sua família e também os preconceitos que sofrem por tomarem uma atitude vista como ultrapassada. Também há na internet blogs e comunidades virtuais que discutem e expõem muitos pensamentos e experiências dessas mulheres que tomaram a decisão de serem “apenas” donas-de-casa.

Além do fato de ser uma realidade que vem se configurando cada vez mais entre as mulheres modernas, essa questão suscita muitas discussões pelo fato de que é de se esperar que a escolha de ficar em casa cuidando da família pode ser visto como uma regressão diante dos avanços e mudanças na sociedade. As seguintes falas retiradas de alguns veículos midiáticos podem exemplificar esses pensamentos:

“Basta falar que é dona de casa para as pessoas olharem para você com pena, ou acharem que você é inútil ou folgada por não ajudar o marido com as despesas”.

Ex-empresária (27 anos)

“Algumas pessoas as vezes vem com aquela famosa pergunta: "vc trabalha"?, eu respondo que não que cuido do lar e da minha filha, então percebo o ar de reprovação, o nariz retorcido, infelizmente ser dona de casa não é tão valorizado como deveria ser.”

Fala retirada de uma comunidade do Orkut

“Hoje em dia se vc é dona de casa parece que tem problema, ou é burra ou preguiçosa (o que eu acho totalmente contrário), ou não se deu bem na vida, fico chateada com tudo isso, pois me dedico de corpo e alma ‘a’ minha família ‘a’ minha casa...sou formada mas optei em ficar em casa. Sinto que incomodo muita gente com essa minha decisão, qq pessoa é mais importante do que eu. Me sinto assim infelizmente.”

Fala retirada de uma comunidade do Orkut

“É incrível como realmente existe muito preconceito contra a profissão dona de casa. A distorção na mente das pessoas é tão absurda que para elas a mulher que sai de sua casa, enfrenta duas horas num buso lotado pra ir limpar a casa de uma madame e cuidar de suas filhos mimados é mais feliz, independente e realizada do que aquela que cuida de sua própria casa e família.”

Fala retirada de uma comunidade do Orkut

“O mercado de trabalho hoje virou um deus. Na realidade, a vida é um todo, a profissão é um dos aspectos. Então existe, sim, um preconceito, uma forma de pensar como se eu estivesse voltando num ponto em que as mulheres não eram independentes, não eram donas de si.”

Jornalista (33 anos)

Na atualidade, a figura da mulher como dona-de-casa servindo ao seu marido e aos seus filhos, cuidando do seu lar, sem exercer um trabalho remunerado fora do âmbito doméstico é percebida como ultrapassada, como uma regressão a um tempo de valores patriarcais. Ainda assim,



algumas mulheres estão optando em quebrar mais esse tabu. Um tabu às avessas. Estão trocando suas profissões e suas atividades profissionais por um papel que parece ter perdido o seu “valor”.

Abrir mão de um status de poder, reconhecimento e auto-estima que confere à mulher a atuação profissional e ficar em casa cuidando dos filhos e da casa é perpetuar uma imagem de incapaz, submissa, inferior. Por isso é possível esperar que aquela que escolheu ser mãe e dona de casa seja estigmatizada por não fazer parte de uma identidade feminina já forjada, principalmente, nas classes mais altas da sociedade ocidental. Escolher o caminho oposto pode ser visto como sinônimo de regressão, como algo muito questionável.

Entretanto, torna-se plausível afirmar que não existe *uma* identidade feminina. Não há uma unicidade de comportamento e de pensamento da mulher contemporânea. O que se prega e se defende na atualidade é a liberdade de escolha do indivíduo. A mulher pode sentir-se realizada e satisfeita sem estar necessariamente dentro de um perfil exigido pela nova sociedade. Ela pode acreditar que o seu melhor papel é o de mãe e dona de casa. Aprisioná-la em padrões, regras e normas, sejam para mantê-las dentro de casa ou para apoiar a sua saída, é algo perigoso para aquela que não se percebe da maneira vista como ideal.

Bibliografia

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5ª ed, tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985.
- BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 2ª ed, Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes. 1974.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, in *Meditações pascalinas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2001.
- CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da maternidade*. 2ª ed, tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos. 2002.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo*. Rio de Janeiro, J. Olimpio. 1995.
- DUMONT, Louis. *O individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco. 1981.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1982.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo, UNESP. 1991.



JAGGAR, Alison. *Amor e conhecimento: A emoção na epistemologia feminista*, in JAGGAR, Alison. BORDO, Susan, *Gênero, corpo, conhecimento*. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos. 1997.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. Tradução de Rosa Krausz. São Paulo, Perspectiva. 2003.

ORTNER, Sherry. *Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?* In: ROSALDO, Michele. LAMPHERE, Louise (Orgs). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

SCOTT, Joan. Gênero - uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2. Porto Alegre, jul-dez. 1990.

SILVA BAPTISTA, Sylvia Mello. *Maternidade e profissão: oportunidades de desenvolvimento*. São Paulo, Casa do psicólogo. 1995.

STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC. 2007.

STOLKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. In *Revista Estudos Feministas*, v.12, n.2, 2004: p.77-105.